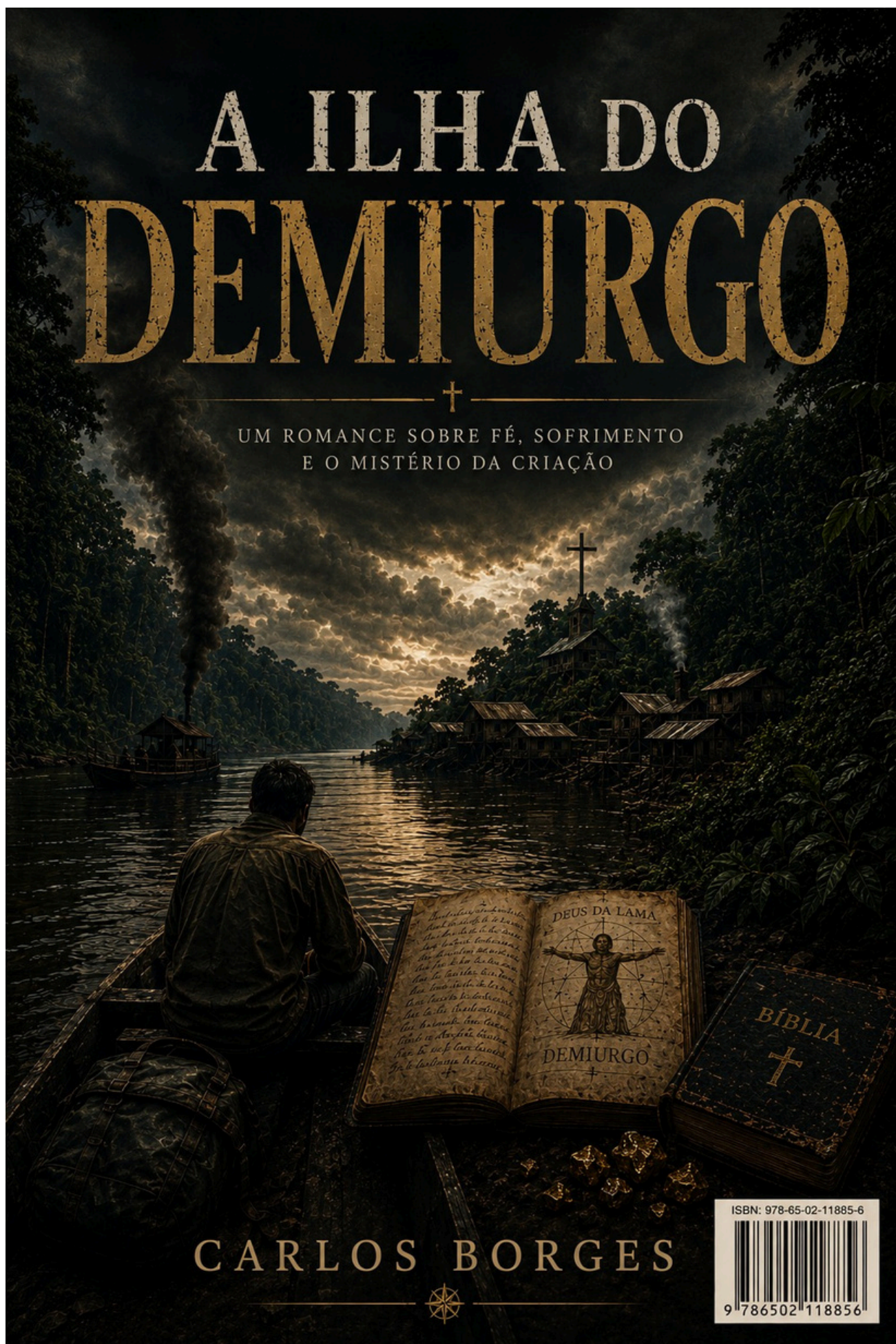


A ILHA DO DEMIURGO



UM ROMANCE SOBRE FÉ, SOFRIMENTO
E O MISTÉRIO DA CRIAÇÃO



CARLOS BORGES



ISBN: 978-65-02-11885-6



9 786502 118856

A ILHA DO DEMIURGO

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Borges, Carlos.

A ilha do demiurgo/ Carlos Borges. — 1. ed. — Boa Vista, RR : Edição do Autor, 2026.

51 p. : il. ; 23 cm.

ISBN 978-65-02-11885-6

1. Romance brasileiro contemporâneo.
2. Amazônia — Ficção.
3. Filosofia e religião — Ficção.
4. Gnosticismo — Ficção.
5. Garimpo ilegal — Ficção.
6. Povos indígenas — Ficção.
7. Existencialismo na literatura.
- I. Título.

CDD 869.93

PRÓLOGO

A sala

A sala de reuniões da sede regional cheirava a café velho e papel plastificado. Um ar-condicionado antigo trabalhava no canto com o esforço constante e inútil de quem já desistiu de vencer, mas ainda não aprendeu a parar. Na parede do fundo, um mapa da América do Sul com alfinetes coloridos: azul para as missões ativas, vermelho para as encerradas, amarelo para as em revisão. Boa Vista estava marcada com uma estrela dourada autocolante, levemente descascada na borda esquerda.

Johnson se sentou antes dos outros. Chegou cedo, como sempre fazia — não por disciplina, mas porque precisava de alguns minutos para olhar para a sala sem ser observado. Colocou a caixa impermeável sobre a mesa. Verde-militar, com fecho de metal enferrujado nas bordas. Não a abriu. Apenas a colocou ali, no centro da mesa oval, como quem deposita uma prova ou uma oferenda — ele mesmo não saberia dizer qual das duas.

Tinha emagrecido. Sabia disso sem precisar de espelho: as calças que apertavam em setembro agora dobravam na cintura, presas por um cinto posto no último furo. O rosto estava mais escuro, não de sol exatamente, mas do tipo de escuridão que vem de dentro para fora quando os olhos viram certas coisas e o corpo ainda não terminou de processar. Havia uma pequena cicatriz no antebraço esquerdo — arranhão de galho, nada grave — que coçava às vezes sem razão aparente.

O Pastor Elizeu entrou primeiro. Cumprimentou Johnson com o aperto de mão firme de sempre, o sorriso de sempre, os óculos de sempre ligeiramente tortos. Atrás dele, o Irmão Marcos — responsável administrativo das missões, homem de planilhas e metas, que via o mapa da parede com o mesmo olhar com que um general vê um teatro de operações. Por último, a Irmã Conceição, que tomava as atas e raramente falava, mas cujas anotações eram, segundo se dizia, mais precisas do que qualquer memória humana presente na sala. Sentaram-se. Havia uma garrafa de água no centro da mesa, ao lado da caixa impermeável. Ninguém tocou em nenhuma das duas.

O Pastor Elizeu abriu uma pasta fina. Ajustou os óculos tortos. Olhou para Johnson com aquela expressão que pretendia ser paternal e chegava perto.

— Então, Irmão Johnson — disse ele. — Bem-vindo de volta. Fico feliz que esteja bem.

Johnson olhou para a mesa.

— Obrigado, Pastor.

— Sabemos que foi uma missão difícil. Temos muitas perguntas. Mas antes de qualquer coisa — o Pastor abriu as mãos sobre a pasta, gesto de abertura que Johnson reconheceu de reuniões anteriores como prelúdio para uma pergunta que já tinha resposta esperada — onde está o Irmão Thomas?

A pergunta ficou no ar com o barulho do ar-condicionado.

Johnson demorou. Não foi hesitação — foi outra coisa, algo mais parecido com uma decisão tomada com calma. Levantou os olhos do tampo da mesa e olhou para o Pastor, depois para o Irmão Marcos, depois para a Irmã Conceição que já segurava a caneta.

— Não sei — disse ele. — E se soubesse, não tenho certeza de que deveria dizer.

Silêncio.

O Irmão Marcos piscou. O Pastor Elizeu fechou as mãos sobre a pasta. A Irmã Conceição anotou algo — Johnson imaginou que tivesse anotado exatamente o que ele disse, palavra por palavra, incluindo a pausa.

— Johnson — o Pastor usou agora o nome sem o título, o que tinha um peso diferente, você está bem? Fisicamente, espiritualmente?

— Tive malária leve. Já tratei. — Johnson olhou para a caixa impermeável. — O que eu trouxe nessa caixa são os cadernos do Irmão Thomas. Dezenas deles. Escritos durante dois anos. Teologia, nomes de mortos, mapas, cartas que ele nunca enviou. Estão aí para quem quiser ler. Mas acho que para entender o que está neles, é necessário ouvir primeiro o que eu vi.

— É exatamente para isso que estamos aqui — disse o Pastor Elizeu, com o tom de quem redireciona uma conversa que estava saindo do roteiro.

— Bem. — Johnson encostou na cadeira. Olhou para o mapa na parede — o alfinete azul que ainda marcava a missão Itivini como ativa. — Então deixem eu contar.

Ninguém se mexeu.

— Vou precisar contar do começo — disse ele. — Não da missão. Do rio. Porque se eu não contar do rio, nada do resto vai fazer sentido. E aviso desde já — ele pausou, e pela primeira vez desde que entrou na sala, algo parecido com cansaço passou pelo rosto, um cansaço que não era de viagem, mas de uma certa distância irreversível entre o que ele havia sido e o que era agora — aviso que quando eu terminar, vocês vão ter mais perguntas do que quando eu comecei. Isso não é falha do relato. É a natureza do que aconteceu.

A Irmã Conceição anotou.

O ar-condicionado trabalhou.

O alfinete azul ficou na parede, levemente torto, marcando um lugar que nenhuma das pessoas naquela sala havia visitado e que Johnson, naquele momento, não tinha certeza de poder descrever com as palavras disponíveis naquela sala.

Mas ia tentar.

— O Irmão Thomas — começou ele, devagar, como quem entra numa água fria — chegou à ilha Itivini há dois anos e três meses com uma Bíblia, cinquenta quilos de mantimento, um rádio de comunicação que parou de funcionar no segundo mês e uma fé que eu, naquela época, teria descrito como sólida. Quando eu o encontrei, o rádio ainda estava lá, enferrujado numa caixa. A fé também estava lá. Só não era mais a mesma fé.

Pausa.

—Na verdade — disse Johnson —, não tenho certeza de que era fé. Tenho certeza de que era algo maior do que fé. Não sei se isso é melhor ou pior. É o que vi.

E começou a contar.

CAPÍTULO 1

O rio que sobe

Saí de Boa Vista numa terça-feira cedo, no único voo semanal que vai até San Juan de Manapiare — um bimotor com dezesseis lugares que parece, por dentro, ter vivido mais do que devia. O piloto se chamava Oswaldo, era venezuelano, usava óculos escuros mesmo dentro da cabine e não falava durante o voo a não ser para anunciar turbulência com o mesmo tom com que se anuncia o tempo em qualquer lugar: sem drama, sem detalhe, como quem informa algo que já aconteceu.

Havia outros passageiros. Uma mulher com duas crianças dormindo no colo. Um homem de meia-idade com uma caixa de ferramentas entre os pés que tilintava levemente sempre que o avião encontrava vento. Dois rapazes novos com mochilas grandes e aquele olhar de quem está indo para algum lugar pela primeira vez, mas prefere parecer que já foi. Eu os observei durante o voo e pensei: garimpeiros. Não tinha como saber com certeza. Mas havia algo na postura — a mistura de expectativa e determinação que as pessoas carregam quando vão buscar algo que acreditam que existe e que ainda não sabem que vai custar mais do que têm para pagar.

De cima, o Estado de Roraima parece uma proposta. Verde em todas as direções, cortado por rios que brilham como fios soltos. Quanto mais ao sul, mais a sensação de que a geometria humana — as estradas, os telhados, as linhas de energia — vai rareando, como se a terra fosse absorvendo de volta tudo que foi imposto sobre ela. Na Venezuela, do outro lado da fronteira invisível lá embaixo, o verde fechou de vez.

Aterrissei em San Juan de Manapiare às dez da manhã.

Não sei como descrever San Juan de Manapiare para quem nunca esteve numa cidade que existe principalmente como porta para outra coisa. Tem ruas de terra batida que viram lama quando chove e poeira quando não chove, e em San Juan chove muito. Tem casas de concreto inacabado — paredes erguidas, ferragens enferrujadas saindo dos pilares como dedos abertos, como se cada construção estivesse esperando uma continuação que nunca chegou. Tem um mercadinho com uma geladeira que ronca do lado de fora da porta e prateleiras onde os produtos têm datas de validade que sugerem viagens longas. Tem uma farmácia com metade das gavetas vazias. Tem um bar com um telão mostrando futebol com o sinal cortando no momento exato dos gols — nisso, observei, San Juan não é diferente de nenhum lugar do mundo.

O que San Juan tem de particular é a qualidade do silêncio entre os sons. Não é silêncio de lugar deserto. É silêncio de lugar que espera. As pessoas sentadas nas calçadas não estavam ociosas — estavam aguardando. Mantimento, notícia, chuva, seca, barco, dinheiro, parente, resultado. A cidadezinha inteira tinha a postura de quem está num ponto de conexão: você não chega a San Juan para ficar em San Juan. Você chega para pegar o próximo.

Encontrei Eládio no porto — que é uma palavra grande para um trecho de margem com três barcos amarrados e um galpão de zinco com uma placa manuscrita em espanhol oferecendo transporte fluvial e equipamento de pesca. Eládio tinha uns cinquenta anos, talvez menos — a vida no rio envelhece o rosto antes do tempo, mas mantém o corpo. Era baixo, largo de ombros, com mãos que pareciam ter sido feitas especificamente para segurar cabos e remos. Falava pouco. Quando falava, dizia o necessário e parava, sem o costume de preencher o silêncio que muita gente tem.

Expliquei aonde precisava chegar. Ele não perguntou o motivo — o que, entendi depois, era a marca de um homem que havia transportado gente suficiente para saber que os motivos raramente explicam nada. Perguntou quanto peso de mantimento eu levava. Respondi. Ele olhou para o céu com o mesmo gesto com que o piloto Oswaldo olhava para o painel — verificação, não contemplação — e disse que partiríamos cedo na manhã seguinte.

Naquela noite dormi num quarto de pensão com um ventilador que girava devagar demais para fazer diferença e uma janela com tela furada por onde entraram mosquitos suficientes para me lembrar onde eu estava. Rezei. Não consigo dizer ao certo o que pedi — acho que pedi clareza, que é o que se pede quando se tem medo de pedir proteção e vergonha de pedir coragem.

Sáímos antes do sol.

O Rio Ventuari, nas primeiras horas, é uma coisa que não tenho palavras adequadas para descrever para quem nunca o viu — e sei que ninguém nesta sala o viu. Direi o que posso. É largo. Não o largo dos rios que se parecem com lagos — é o largo de algo que se move com propósito, que tem direção e peso e uma espécie de indiferença majestosa em relação a tudo que existe nas suas margens. A água é escura, cor de chá forte, o que vem dos taninos das folhas que apodrecem no fundo há séculos — não é sujeira, é química, é o rio

sendo rio. Nas margens, a floresta não começa devagar: está ali, inteira, vertical, sem transição ou aviso, como uma parede que alguém ergueu durante a noite e esqueceu de avisar.

Nos primeiros quilômetros, vi pássaros que não sei nomear — não sou naturalista, e pedir desculpas por isso em meio a tanta beleza parece uma insuficiência maior do que a ignorância em si. Havia garças brancas nos galhos baixos sobre a água. Havia algo vermelho que cruzou o rio rápido demais para ser identificado. Havia jacarés nos bancos de areia, imóveis como pedras, com aquela imobilidade específica dos animais que não precisam parecer ameaçadores porque são ameaçadores.

Eládio pilotava em silêncio, com uma mão na alavanca do motor e os olhos no canal. Às vezes desviava sem avisar — um tronco submerso, um banco de areia invisível, algo que ele lia na superfície com um conhecimento que não vem de carta náutica, mas de anos de percurso. Numa das vezes, numa curva fechada, diminuiu o motor sem razão aparente, ficamos derivando por um momento, ele apontou para a margem.

Olhei. Demorei para ver. Era uma anta — enorme, imóvel entre os troncos, nos observando com aquela expressão que os animais grandes têm às vezes, que não é medo nem desafio, mas algo mais antigo que os dois.

Ficamos parados até ela decidir entrar na floresta. Eládio ligou o motor de volta sem comentário.

Entendi ali que o rio tinha um protocolo. Que Eládio o conhecia e eu não. Que a melhor coisa que eu podia fazer era ficar quieto e prestar atenção.

Eládio escolheu o lugar antes que eu percebesse que estávamos parando.

Reduziu o motor sem avisar, guiou o barco para uma praia de areia branca na margem direita — pequena, com uns vinte metros de extensão antes que a floresta começasse, seca o suficiente para dormir, aberta o suficiente para ver o rio nas duas direções. Amarrou o barco num galho baixo com dois nós que pareciam simples e provavelmente não eram.

— Aqui — disse.

Não era pergunta.

O sol estava descendo rápido, como faz na Amazônia — não o crepúsculo lento de outras latitudes, mas uma retirada quase administrativa da luz, como se o dia cumprisse um

horário. Em vinte minutos seria escuro, e Eládio sabia que pilotar o Ventuari à noite era uma conversa que o rio encerrava antes de começar.

Montamos o acampamento com a divisão de tarefas de quem não precisou combinar nada: ele cuidou do barco, do fogo e da comida, eu armei a rede entre dois troncos e fui buscar água. Comemos em silêncio — peixe seco, farinha, café que Eládio preparou numa lata amassada com a competência de quem já fez isso centenas de vezes no mesmo fogo ou em fogos iguais.

Depois do café, ficamos sentados olhando para o rio.

A noite amazônica não chega quieta. Chega barulhenta — um barulho diferente do dia, mais denso, com camadas sobrepostas que o ouvido demora para separar. Os sapos primeiro, em coro constante que parece ter começado antes de nós e vai continuar depois. Depois os grilos, preenchendo os espaços entre os sapos. Depois algo mais fundo, intermitente, que não soube identificar e que Eládio, quando perguntei, descreveu apenas como bicho grande, sem sentir necessidade de especificar.

— Onça? — perguntei.

Ele considerou.

— Perto — disse. — Não aqui. Perto.

Olhei para a linha escura da floresta a vinte metros de onde estávamos sentados. A fogueira criava um círculo de luz que parecia, naquele contexto, menos proteção do que indicação de posição.

— Isso é problema? — perguntei.

Eládio olhou para mim com aquela paciência de quem já respondeu a pergunta para muitos outros que vieram de longe.

— Onça não quer problema com fogo — disse. — Fica olhando. Depois vai embora.

— Fica olhando de onde?

Ele apontou para a floresta sem direção específica.

— De lá.

Não dormi imediatamente. Fiquei na rede ouvindo o barulho da noite, tentando separar as camadas — o rio correndo, os animais, o estalo periódico de alguma coisa nos galhos acima que eu preferia não identificar. Em algum momento ouvi algo na beira da água, um

movimento pesado e breve, como um corpo grande que testa o chão antes de decidir. Fiquei imóvel. O movimento parou. Depois houve um silêncio localizado — os sapos naquele trecho específico da margem calaram por uns trinta segundos, exatamente o tipo de silêncio que não é ausência de som mas presença de algo que o som reconhece e respeita.

Depois tudo voltou ao normal, como se nada houvesse passado.

Dormi com isso — com a consciência de que o normal ali incluía coisas que eu não via e que me viam perfeitamente.

Acordei antes do sol com Eládio já em pé, desmontando o acampamento com os mesmos movimentos precisos e econômicos de quem não precisa de luz para saber onde está cada coisa. O fogo estava apagado. O café já estava no fogo de volta.

Havia rastros na areia úmida da margem.

Grandes, com quatro dedos e a marca do coxim central inconfundível. Vinham da floresta, chegavam até uns três metros do local onde eu havia dormido, e voltavam — não em fuga, mas com a calma de quem verificou algo, ficou satisfeito ou insatisfeito com o que encontrou, e retornou ao que estava fazendo antes.

Fui até a beira da água para lavar o rosto.

— Espera — disse Eládio, sem olhar para mim, sem parar o que estava fazendo.

Parei.

Ele veio até a margem, pegou um galho comprido que estava no chão — comprido o suficiente para manter distância — e começou a bater na areia rasa da beira, devagar, em arcos regulares, como quem varre um chão invisível. Bateu três, quatro vezes. Na quinta, a areia explodiu.

Não é outra palavra. A areia explodiu para os lados, a água ficou turva, e algo escuro e achatado saiu disparado para o fundo do rio com uma velocidade que não combinava com o tamanho — grande, talvez cinquenta centímetros de diâmetro, com aquela cauda fina e longa que é o único aviso que dá antes de não dar mais nenhum.

Arraia.

Eládio observou a água turva assentar. Depois bateu mais três vezes na areia ao redor, esperou, bateu de novo. Só então apontou para a beira com um gesto que dizia: agora pode.

Me ajoelhei e lavei o rosto com as mãos, com uma atenção que não havia trazido de Boa Vista e que a arraia havia instalado em mim em menos de trinta segundos.

— Sempre assim? — perguntei.

— Sempre — disse ele. — Toda areia, toda margem, todo dia. — Jogou o galho de volta ao chão. — A areia bonita é onde elas ficam. Quanto mais bonita a areia, mais arraia embaixo. — Pausa. — No rio, o que parece seguro raramente é.

Peguei o café que ele me estendeu e não olhei para a areia da praia da mesma maneira que havia olhado antes. Os rastros da onça-parda ainda estavam lá, grandes e claros, chegando até três metros do meu lugar de dormir e voltando com aquela calma de quem avaliou e foi embora.

Entre os rastros da onça e o lugar onde a arraia havia estado havia menos de dois metros.

Pensei: esta praia que pareceu abrigo ontem à noite tinha olhos em cima e ferrões embaixo, e eu dormi no meio sem saber.

Eládio soltou o barco como se nada houvesse acontecido, porque para ele nada havia acontecido — era apenas o protocolo do rio, tão automático quanto verificar o combustível ou ler a correnteza. O motor pegou. A praia foi ficando para trás.

Escrevi no caderno, ainda com as mãos ligeiramente trêmulas do susto: “O rio tem regras que não estão em nenhum manual que eu li. Eládio as sabe de cor. Eu ainda estou aprendendo que existem.”

Embaixo, depois de um momento, pensei comigo: “Thomas ficou dois anos aqui. Deve conhecê-las melhor do que Eládio.”

As marcas do garimpo começaram a aparecer a partir do meio do segundo dia.

Não de uma vez. Primeiro, uma balsa enferrujada encalhada na margem, com mangueiras de sucção penduradas como intestinos de uma coisa morta. Depois, um trecho de margem raspada — a floresta interrompida abruptamente, a terra vermelha exposta como uma ferida sem curativo. Depois, um motor de garimpo abandonado na beira d'água,

parcialmente submerso, coberto de limo, com um galão de combustível ao lado que o sol havia deformado.

Depois — e isso foi o que me parou — a cor da água mudou.

Não de repente. Foi gradual, como uma doença que avança sem pressa porque sabe que tem tempo. A água foi perdendo aquele escuro rico dos taninos e ganhando outro escuro, mais opaco, levemente acinzentado, com um brilho na superfície que não era reflexo do sol. Era mercúrio. Não posso provar isso agora, sentado nesta sala — não tenho exame, não tenho laudo. Mas Eládio olhou para aquela água e cuspiu para o lado, e isso foi prova suficiente.

Perguntei a ele há quanto tempo era assim.

Ele respondeu: — Depende de onde o senhor está chegando.

Não entendi na hora. Entendi depois. Quem chega de fora vê a mudança. Quem está dentro já não vê a diferença entre antes e agora — porque não tem mais antes disponível para comparar.

No fim da tarde do segundo dia encontramos outro barco vindo na direção contrária.

Eládio diminuiu o motor quando ainda estávamos longe — reconheceu algo que eu não havia reconhecido. Quando nos aproximamos, vi dois homens. Um deles estava deitado no fundo do barco, sobre uma lona, com a expressão de quem tem febre alta e não sabe mais onde está. O outro estava sentado, tentando remar com um braço, o outro cruzado sobre o peito como se protegesse alguma coisa.

Paramos. Amarramos os barcos lado a lado.

O homem com o braço cruzado tinha olhos amarelados — icterícia, malária complicada. Olhou para mim com o reconhecimento vago de quem vê uma figura num sonho e não sabe se é boa ou ruim. No fundo do barco, o outro delirava: murmurava algo que eu não entendia, com os lábios secos, as mãos abertas sobre a lona, os dedos se fechando e abrindo devagar como se tentassem segurar água.

Eu tinha o básico — antimaláricos, soro, comprimidos de febre. Não era muito. Era o que havia.

Passei uma hora ali, entre os dois barcos amarrados no meio do rio, tratando dois homens que não conhecia, enquanto Eládio segurava os cascos juntos com as mãos para que a

correnteza não os separasse e olhava para a floresta como quem espera alguém que não vai chegar.

O homem de olhos amarelados, a certa altura, ficou mais lúcido. Olhou para mim com atenção. Perguntou se eu ia para a ilha. Respondi que sim. Ele ficou quieto por um momento — o tipo de silêncio de quem está decidindo se diz ou não diz alguma coisa.

Disse.

— O irmão Thomas falou que a febre é a alma querendo sair. — Parou. Olhou para o outro homem delirando. — Meu amigo não melhorou depois que ouviu isso. Mas parou de ter medo. Não sei se é a mesma coisa.

Não respondi. Anotei no caderno que trazia no bolso do colete — não as palavras exatas, mas a ideia, que era maior do que as palavras.

Quando terminei de tratar os dois homens e íamos desatar os barcos, o de olhos amarelados me segurou pelo braço. Não com força — com o peso específico de quem quer que você leve uma coisa consigo.

— Volta logo — disse ele. — Da ilha. Volta logo que puder.

Perguntei por quê.

Ele soltou meu braço. Olhou para o rio.

— Porque lá tem algo que faz você querer ficar. E ficar lá não é ficar em lugar nenhum.

Eládio desamarrou os barcos. Continuamos.

O sol estava descendo quando ele apontou para a frente e disse, sem entonação especial, como quem anuncia uma curva:

— Itivini.

Olhei.

Eali estava a ilha.

CAPÍTULO 2

A chegada

Fiquei no barco.

Eládio havia jogado a corda para um tronco fincado na margem e estava me olhando com a paciência de quem já esperou por coisas mais difíceis de entender. A corda esticou. O barco bateu de leve contra a beira lamacenta da ilha e ficou ali, balançando levemente, enquanto eu não desembarcava.

Não foi medo exatamente. Foi outra coisa — a necessidade de olhar antes de entrar, de deixar os olhos fazerem o trabalho antes que o resto do corpo os distraísse. Aprendi isso em missões anteriores: o primeiro olhar é o único honesto. Depois que você pisa num lugar, você já está dentro dele, e estar dentro muda o que se vê.

Então olhei.

A ilha Itivini tem, pelo que pude estimar, talvez dois quilômetros de comprimento e menos da metade de largura — uma forma alongada no meio do Rio Ventuari, como uma folha caída sobre a água. Das bordas, ainda era floresta. Árvores altas, fechadas, com aquela densidade que parece uma decisão coletiva de não deixar a luz chegar ao chão. Bromélias nas forquilhas. Lianas descendo como cordas esquecidas. A beira da água com raízes expostas pelo nível do rio, tortas e entrelaçadas, formando uma espécie de grade natural que nem era convite nem era barreira — era apenas o que era.

Mas o centro da ilha havia sido aberto.

Não sei outra palavra. Aberto — como se alguém tivesse chegado com a intenção de operar e tivesse cortado direto, sem rodeios, sem a delicadeza de quem respeita o paciente. A floresta central havia cedido lugar a um espaço que eu hesitaria em chamar de clareira porque clareira sugere algo natural, e o que eu via não tinha nada de natural. Havia barracos de lona azul e madeira roliça, uns dez, uns doze, dispostos sem ordem aparente, mas com uma lógica própria que eu levaria dias para entender — os dos garimpeiros mais perto do rio, os dos indígenas mais fundo, os dos doentes num canto separado, com uma distinção que ninguém havia marcado com placa mas que todos respeitavam. Havia fogueiras com panelas. Havia roupas estendidas em cordas entre os troncos remanescentes. Havia crianças — isso foi o que me acertou primeiro, antes de qualquer outra coisa: havia crianças, muitas delas, com aquelas barrigas que não mentem, e aquele

olhar que também não mente, de quem cresceu aprendendo cedo que o mundo é um lugar onde é necessário estar atento.

Havia um homem rezando de joelhos na lama. Não estava rezando para nenhum altar visível — estava de frente para a floresta, com as mãos abertas sobre as coxas, a cabeça levemente inclinada. Ninguém ao redor prestava atenção nele. Fazia parte da paisagem, como a fogueira e as roupas.

E havia, fincada num tronco perto do centro do acampamento, uma cruz.

Invertida.

Já esperava isso — havia lido sobre Thomas, sobre as mudanças que os relatos anteriores descreviam, antes do silêncio. Mas ver é diferente de saber. A cruz invertida num acampamento de missão batista no meio do Rio Ventuari tinha um peso que nenhuma leitura de relatório preparava. Não era símbolo de maldade — entenderia isso depois, quando Thomas me explicasse. Era símbolo de uma ruptura. Alguém havia pegado a linguagem que conhecia e virado de cabeça para baixo, porque a cabeça para cima não era mais capaz de dizer o que precisava ser dito.

Estava processando tudo isso quando vi Thomas.

Estava parado na beira da água, a uns quarenta metros de onde o barco havia atracado. Imóvel. Olhando para mim.

Não sei há quanto tempo estava ali. Podia ter chegado quando o barco apareceu na curva do rio ou podia ter estado ali antes de nós, parado na mesma posição, esperando. Havia nessa imobilidade algo que não era pose — era simplesmente a ausência de necessidade de se mover. Como os jacarés nos bancos de areia que Eládio havia me ensinado a ver: não imóveis por preguiça, mas porque o movimento seria desnecessário. O mundo chegaria até eles.

Eu cheguei.

Desembarquei. Os pés afundaram na lama da margem — esse som específico, úmido e mole, que vou associar ao resto da vida com aquele momento. Caminhei até ele. Eládio ficou no barco sem que ninguém precisasse pedir.

Thomas havia emagrecido além do que qualquer doença explica sozinha. Era como se o peso que havia perdido não fosse gordura nem músculo, mas alguma camada que as pessoas carregam quando ainda precisam se apresentar ao mundo — uma espécie de espessura social que vai embora quando você fica tempo suficiente num lugar onde não há ninguém para quem se apresentar. O rosto estava queimado de sol e de febre, com aquelas marcas que a malária recorrente deixa em volta dos olhos, uma leve tonalidade amarelada que não é grave, mas é permanente. Os olhos, esses estavam fundos e completamente acordados — não o acordado de quem dormiu bem, mas o acordado de quem parou de esperar pelo sono.

Usava uma túnica de tecido cru, manchada de umidade em formas que não tinham mais como ser removidas. Descalço. Carregava, na mão esquerda, um exemplar do Evangelho de João embrulhado em pano escuro — o pano estava úmido e o livro, imagino, também, mas ele o carregava como quem carrega a única coisa que não pode molhar.

Não me abraçou. Não sorriu. Não disse meu nome.

Ficou olhando para mim com aquela expressão que levei dias para entender e que ainda não sei nomear completamente. Não era frieza. Era algo mais parecido com misericórdia — a misericórdia específica de quem já foi aonde você está e sabe o quanto do caminho ainda falta.

Fui o primeiro a falar. Claro.

— Thomas — disse.

— Johnson — disse ele.

A voz estava igual. Isso me surpreendeu mais do que tudo o resto. Esperava qualquer coisa — rouquidão, exaltação, o sussurro dramático de quem passou dois anos na selva. A voz de Thomas era a mesma de quando o conheci num retiro em Boa Vista, anos atrás: calma, ligeiramente mais baixa do que o necessário, com aquela qualidade específica de quem não precisa competir com o ambiente para ser ouvido.

— Vim te buscar — disse eu.

Ele olhou para o rio atrás de mim. Depois para a floresta. Depois para mim.

— Buscar para onde? — perguntou.

Essa foi a primeira conversa. Durou menos de um minuto e continha, eu perceberia depois, tudo que estava por vir — toda a distância que dois anos e aquela ilha haviam colocado entre a língua que eu usava e a língua que ele havia aprendido a falar.

Fui apresentado ao restante da comunidade naquela tarde. Thomas caminhou ao meu lado pelo acampamento com a naturalidade de quem mostra a própria casa — não com orgulho, não com desculpa, com aquela espécie de neutralidade que pressupõe que o visitante tem olhos e sabe usá-los.

O que eu vi:

Garimpeiros — uns oito, dez, doze. Idades variadas, origens variadas, o maranhense reconhecível pelo sotaque e pelo chapéu, o paraense pelo silêncio específico, um ou dois que poderiam ser venezuelanos ou colombianos e que preferiam não esclarecer. Tinham as mãos e os joelhos da cor da terra. Alguns me olharam com curiosidade, outros com a indiferença de quem já viu missionário suficiente para saber que vêm e vão. Um deles — um homem com um dente de ouro que captava a luz da tarde com uma precisão quase cômica — me deu um aceno de cabeça que poderia ser cumprimento ou aviso.

Indígenas Maquiritare — o núcleo mais antigo da comunidade, aqueles que Thomas havia encontrado quando chegou e que, por razões que levaria tempo para entender, não haviam ido embora. Mulheres com crianças. Velhos que se sentavam na sombra e observavam tudo com aquela atenção específica de quem não precisa mais de muita coisa além de atenção. Jovens que transitavam entre os barracos dos garimpeiros e o núcleo indígena como se já tivessem desistido de escolher um lado ou como se soubessem que escolher era um luxo de quem tem para onde ir.

Os doentes ficavam num canto com teto de lona mais sólida do que os outros barracos — Thomas havia feito isso, entendi, não por separação, mas por sombra. A malária precisa de sombra. Havia quatro pessoas deitadas quando passei. Uma criança pequena que tossia. Um homem velho com os olhos fechados e a respiração do tipo que se conta. Dois garimpeiros jovens que dormiam ou estavam inconscientes, não era possível saber de longe.

Thomas parou diante do barraco dos doentes. Entrou. Ficou alguns minutos lá dentro. Quando saiu, não disse nada. Continuou andando.

Perguntei: — Quando receberam atendimento médico pela última vez?

Ele disse: — Defina atendimento médico.

Disse: — Um médico. Remédios adequados. Diagnóstico.

Ele ficou quieto por alguns passos.

— Um barco do governo apareceu quatro meses atrás. Deixou caixas de antimalárico.

Metade estava vencida. O médico não desceu do barco.

Não respondi a isso. Havia coisas que não tinham resposta que valesse a pena dar em voz alta.

Foi Dona Perpétua quem me deu comida naquela primeira noite.

Não sei exatamente como descrevê-la. Sessenta anos, talvez mais, com aquela qualidade de presença que algumas pessoas muito velhas têm e que os jovens confundem com serenidade, mas que é outra coisa — é a ausência de necessidade de provar qualquer coisa a qualquer pessoa. Rosto largo, cabelos brancos presos, mãos que tinham trabalhado décadas e ainda não tinham terminado. Falava português com uma mistura de arcaísmo e precisão que me lembrava às vezes a língua dos documentos antigos — não por afetação, mas porque havia aprendido com gente que aprendera com gente mais velha ainda, numa cadeia que remontava a um tempo antes dos rádios e das estradas.

Sentou-se ao meu lado enquanto eu comia — peixe, farinha, algo verde que não identifiquei — e ficou em silêncio por um tempo que em qualquer outro contexto seria desconfortável. Aqui parecia simplesmente educado.

Então disse, sem olhar para mim, olhando para a fogueira:

— Seu irmão não ficou louco. Seu irmão aprendeu o que a floresta ensina. O problema é que ela ensina demais para quem chega com fé.

Perguntei o que ela queria dizer com isso.

Ela pegou um graveto e o colocou na fogueira. Observou a chama encontrá-lo.

— Quem chega sem fé — disse ela devagar — a floresta assusta, mas não destrói. Porque o susto tem limite. Mas quem chega com fé traz uma explicação pronta. E a floresta desfaz a explicação. Desfaz devagar, um pedaço por vez. E aí a pessoa tem duas escolhas: vai embora, ou fica e constrói outra explicação maior. — Pausa. — Seu irmão ficou.

Olhei para ela. — A nova explicação é melhor?

Ela me devolveu o olhar com algo que não era concordância nem negação.

— É maior — disse ela. — Maior não é sempre melhor. Às vezes maior é só mais pesado.

Naquela noite, deitado num barraco que Thomas havia separado para mim — lona azul, chão de tábuas, rede armada em duas forquilhas de madeira —, ouvi pela primeira vez a voz de Thomas pregando.

Era tarde. As fogueiras estavam baixas. A maioria da comunidade já devia estar dormindo. Mas havia um grupo reunido perto do centro do acampamento, sentado na lama ou em troncos, e no meio deles Thomas ficava em pé — não num estrado, não num altar, no mesmo nível de todos — falando naquela voz baixa que atravessava o barulho do rio sem precisar competir com ele.

Não ouvi as palavras daquela distância. Ouvi o ritmo. E o ritmo era o de uma coisa que havia sido rezada muitas vezes — não decorada, mas incorporada, como a oração do Pai-Nosso na boca de alguém que reza há quarenta anos: as palavras chegam antes que o pensamento as convoque.

Fiquei deitado na rede ouvindo aquele ritmo por um tempo que não sei medir.

A floresta fazia seu próprio barulho — grilos, sapos, o estalo de alguma coisa nos galhos acima. O rio fazia o barulho de sempre, constante e indiferente. E sobre tudo isso, muito baixo, a voz de Thomas.

Pensei: este homem está perdido.

Depois pensei: ou este homem encontrou algo que eu não encontrei.

Depois parei de pensar por que a malária que eu ainda não sabia que estava começando me deu o primeiro calafrio da noite, e com o calafrio veio um cansaço tão fundo que parecia vir de antes de mim, de algum lugar anterior ao meu próprio começo.

Dormi.

Lá fora, Thomas continuava falando.

Capítulo 3

Os Sermões

Thomas pregava ao entardecer.

Não havia sinal, não havia sino, não havia convocação. As pessoas simplesmente iam chegando — primeiro as crianças, que em qualquer comunidade funcionam como antenas para o que os adultos ainda estão fingindo não sentir, depois os velhos Maquiritare, depois os garimpeiros que vinham direto do rio com as mãos ainda sujas e se sentavam sem lavar, como se a lama fosse parte do que traziam para ouvir. Os doentes que podiam caminhar chegavam apoiados uns nos outros. Os que não podiam ficavam nos barracos, mas Dona Perpétua me disse que eles ouviam do mesmo jeito — a voz de Thomas, naquele espaço aberto entre os troncos, chegava a todos os cantos da ilha sem precisar de esforço.

Não havia altar. Não havia estrado. Thomas ficava em pé no mesmo nível de todos, às vezes no centro, às vezes andando devagar entre as pessoas sentadas — não de modo performático, mas como quem pensa melhor em movimento, como quem precisa do chão sob os pés para saber o que dizer a seguir.

Nunca gesticulava muito. As mãos ficavam quase sempre ao lado do corpo ou seguravam o Evangelho de João embrulhado no pano escuro — não para ler, porque ele não lia durante os sermões, ele já havia incorporado o texto a ponto de não precisar da página. Segurava o livro como quem segura a mão de alguém durante uma conversa difícil: não como prova, mas como companhia.

O que me impressionou — e preciso registrar isso com precisão porque sei que vai soar estranho vindo de mim — foi que Thomas não parecia louco quando pregava. Parecia o oposto. Parecia o homem mais organizado daquela ilha, o único que havia chegado a uma conclusão e estava descansando nela, enquanto todos os outros ainda estavam no meio do percurso.

Isso era o que o tornava difícil de ouvir. Não o conteúdo. A calma.

Assisti ao primeiro sermão na minha segunda tarde na ilha. Fiquei de pé, um pouco afastado, com o caderno na mão. Não anotei tudo — havia momentos em que a mão parava porque o pensamento precisava ir antes. O que transcrevo aqui é o que ficou reconstituído da memória e das notas.

Thomas ficou em silêncio por um tempo depois que as pessoas se reuniram. Não era silêncio de quem está organizando o pensamento — era silêncio de quem está esperando que os outros terminem de se organizar. Quando falou, falou para o rio, de costas para a comunidade, e mesmo assim todos ouviram:

— Ontem enterrei um homem.

Pausa.

— O nome dele era Alcides. Tinha trinta e quatro anos. Veio do Pará há dezoito meses em busca de ouro. Encontrou malária, dívida e uma vala na lama desta ilha. — Virou-se devagar. — Alguém aqui sabe dizer por que Deus permitiu isso?

Ninguém respondeu.

— Não respondam depressa. A resposta rápida é a resposta falsa. A resposta rápida é a que as igrejas vendem, a que os padres embrulham em latim, a que os pastores embrulham em alegria e guitarra e dízimo. A resposta rápida diz: Deus tem um plano. A resposta rápida diz: sofremos porque merecemos. A resposta rápida diz: um dia entenderemos. — Pausa mais longa. — Alcides não vai entender. Alcides está na lama.

Caminhou devagar entre as pessoas.

— Mas eu vos digo uma coisa sobre Alcides. Alcides não era mau. Era enganado. Há uma diferença enorme entre o mau e o enganado, e o mundo que nos governa não quer que saibamos qual é. O mau escolheu. O enganado acreditou. Alcides acreditou que havia ouro embaixo desta terra. E havia. E ainda há. E o ouro não vai embora com Alcides — o ouro fica, e Alcides foi, e o ouro vai engolir o próximo que chegar acreditando.

Parou diante de Raimundo Boca-de-Ouro, que estava sentado num tronco com as mãos entre os joelhos. Raimundo não desviou o olhar.

— Este homem aqui tem ouro na boca — disse Thomas, sem crueldade, com uma espécie de ternura que tornava a observação mais pesada do que qualquer acusação. — Mandou fazer. Pagou para ter o metal no próprio rosto. — Pausa. — E eu não o condeno por isso. Eu o entendo. É o que o Deus da Lama faz: convence o homem de que o ouro é beleza, que o ouro é poder, que o ouro é a prova de que se chegou a algum lugar. Convence tão bem que o homem coloca o ouro no próprio sorriso para mostrar que chegou.

Raimundo não disse nada. Mas ouvi, muito baixo, um som que poderia ter sido uma risada ou poderia ter sido outra coisa.

Thomas continuou andando.

— O ouro não brilha. Ele engana os olhos para cegar a alma. O Deus verdadeiro não criou o ouro. O Deus da Lama criou o ouro — criou-o e o enterrou aqui embaixo dos nossos pés, profundo, sujo, difícil, para que os homens o desejassem exatamente porque era difícil. Para que os homens destruíssem rios, florestas, corpos e filhos para chegar até ele. O ouro não é riqueza. O ouro é a isca. E a isca não existe para alimentar. Existe para prender.

Ficou parado no centro.

— Vocês vieram buscar ouro. Mas o ouro é que veio buscar vocês.

Naquela noite escrevi no caderno: "Thomas prega bem. Isso é parte do problema."

Depois escrevi: "Raimundo Boca-de-Ouro ficou sentado depois que todos foram embora. Vi Thomas sentar-se ao lado dele. Ficaram conversando por uma hora, em voz baixa. Não ouvi. Raimundo foi para o barraco com a expressão de quem recebeu uma notícia ruim que no fundo já sabia."

Depois escrevi, e hesitei antes de escrever, e escrevi mesmo assim: "Há lógica no que ele diz. Não a lógica que aprendi. Mas lógica."

Falei com Raimundo no dia seguinte, cedo, enquanto ele consertava o motor de uma bateia perto do rio. Perguntei o que achava de Thomas.

Ele não parou de trabalhar. As mãos iam e vinham sobre o motor com aquela competência de quem aprendeu mecânica por necessidade e não por escolha.

— Irmão Thomas está certo numa coisa — disse ele. — O ouro me comeu. Saí do Maranhão há seis anos. Fui para o Pará, depois para o Amazonas, agora aqui. Cada lugar prometia mais que o anterior. Cada lugar entregou menos. — Parou. Olhou para o dente de ouro refletido vagamente na superfície metálica do motor. — Só não concordo que Deus tenha feito isso de propósito.

— Por que não concorda?

Ele retomou o trabalho.

— Porque se Deus fez de propósito, não tem saída. E eu preciso acreditar que tem saída.

— Pausa. — Senão para quê acordar?

Não respondi. Era uma pergunta que não precisava de resposta — era uma pergunta que precisava de respeito. Fiquei ali um tempo observando as mãos dele no motor, e pensei que havia algo profundamente digno naquele homem consertando um equipamento que servia a uma atividade que o estava destruindo, porque era o único equipamento que tinha e o único trabalho que conhecia, e que a dignidade e a tragédia às vezes são a mesma coisa vista de ângulos diferentes.

O segundo sermão que transcrevo aqui aconteceu três dias depois, numa noite de lua, quando o calor havia cedido o suficiente para que as pessoas ficassem acordadas mais tarde. Era uma reunião maior — havia dois garimpeiros novos que haviam chegado de barco naquela tarde, e eles ficaram por curiosidade ou por falta de outra coisa para fazer. Thomas chegou ao centro sem que ninguém pedisse. Ficou em silêncio mais tempo do que o habitual. Olhou para a lua — não com misticismo, com aquele olhar que ele tinha às vezes de simplesmente ver as coisas, sem sobrepor nada.

Então disse:

— Há um homem nos barracos que vai morrer esta noite ou amanhã. — Pausa. Nenhum drama. — Todos sabemos disso. O corpo dele já tomou a decisão. Falo disso porque é o assunto desta noite: o corpo que toma decisões que não consultamos.

Caminhou devagar.

— Nós não escolhemos nascer. Nós não escolhemos adoecer. Nós não escolhemos ter fome quando a farinha acaba. Nós não escolhemos suar de febre às três da madrugada nesta ilha. O corpo faz o que quer — adoece, sangra, treme, apodrece — e nós somos arrastados junto, como se fôssemos o corpo. Como se fôssemos a doença. Como se fôssemos a febre.

Ficou parado.

— Mas não somos.

Silêncio.

— Um homem me disse esta semana: irmão Thomas, tenho medo de morrer desta febre. Eu disse a ele: você já morreu desta febre. O que você tem agora é o processo de sair. —

Pausa longa. — A febre não é doença. A febre é o corpo tentando queimar tudo que não é alma. O corpo sabe, no fundo, que é prisão. E às vezes tenta se destruir para libertar o que está dentro. Chamamos isso de doença. Talvez seja a única coisa honesta que o corpo faz.

Ouviu-se o choro baixo de uma criança em algum barraco. Thomas não parou.

— Não digo isso para que não busquem remédio. Busquem. O corpo precisa de tempo para que a alma entenda o que precisa entender. Mas não temam a febre. Temam o corpo que acredita ser casa. Temam o homem que confundiu a prisão com o lar e parou de querer sair.

Fez uma pausa e olhou especificamente para mim.

Não desviei o olhar. Ele também não.

— Há quem venha de longe — disse ele, ainda olhando para mim, mas falando para todos — convencido de que o problema é a doença e a solução é o remédio. E o remédio é necessário. Mas o remédio cura o corpo. O que cura a alma é outra coisa. E em todos os anos que passei carregando a palavra de uma Igreja que tinha remédio para o corpo e receita para a alma, nunca vi ninguém curar de verdade. Vi adiar. Via administrar. Vi organizar a dor de um jeito mais apresentável.

Voltou os olhos para o grupo.

— Aqui não administramos a dor. Aqui a olhamos de frente e perguntamos o que ela quer dizer.

Fui falar com ele depois. Encontrei-o sentado sozinho perto do rio, com o Evangelho de João aberto no colo — desta vez estava lendo de fato, com aquela atenção de releitura, como quem procura num texto antigo a confirmação de algo que acabou de pensar.

Sentei-me ao seu lado sem pedir licença. Ele não comentou.

Disse: — Você está ensinando pessoas doentes a aceitar a própria morte como libertação espiritual.

Ele continuou lendo por um momento. Fechou o livro devagar.

— E o que você está ensinando? — perguntou.

— Que há cura. Que há esperança. Que Deus...

— Johnson. — Com a mesma voz, ela calma. — Há remédio para a malária desta ilha? Há médico? Há hospital a menos de três dias de barco? Há Estado que chegue aqui antes que a febre mate?

Não respondi.

— Então o que você chama de esperança — disse ele, sem agressividade, com aquela ternura pesada que era o seu modo específico de ser cruel — é uma promessa que você faz em nome de uma instituição que não vai cumpri-la. E o que eu chamo de libertação é uma verdade que estas pessoas já conhecem no corpo. A diferença é que eu lhes dou linguagem para o que já sentem. Você lhes pede que esperem por uma ajuda que não vem. Fiquei em silêncio.

— Não digo que estou certo — disse ele então, e isso me surpreendeu mais do que tudo o que havia dito antes. — Digo que estou aqui. Há dois anos. E você chegou há quatro dias.

Havia um ritual que Thomas realizava separadamente dos sermões. Dona Perpétua me descreveu antes de eu testemunhá-lo — e agradeço por isso, porque sem a descrição prévia não teria entendido o que via.

Acontecia com os doentes graves. Thomas chegava ao barraco, ficava de joelhos ao lado do enfermo, colocava as mãos sobre a cabeça do doente — não forçado, com leveza — e lia, em voz muito baixa, o início do Evangelho de João. “No princípio era o Verbo. E o Verbo estava com Deus. E o Verbo era Deus”. Lia devagar, como quem tateia no escuro. Depois ficava em silêncio, com as mãos ainda sobre a cabeça do doente, olhando para um ponto indeterminado.

Dona Perpétua me disse que os doentes que recebiam esse rito — ela não usou a palavra rito, usou “consolo” — em geral ficavam mais calmos depois. Não curavam. Mas deixavam de ter o olhar específico de quem está com medo. É uma diferença pequena, disse ela. Mas para quem está deitado numa lona com febre de quarenta graus e nenhuma certeza de amanhecer, pequeno é suficiente.

Vi Thomas realizando esse rito uma tarde. O homem deitado era o que Dona Perpétua havia indicado como o mais grave — o velho que eu vira com os olhos fechados na minha primeira volta pelo acampamento. Tinha a respiração lenta e funda de quem está num lugar que não é mais exatamente este.

Thomas ficou ajoelhado ao lado dele por talvez vinte minutos. Não olhei o tempo — olhei Thomas. O rosto estava diferente durante o rito: não a calma dos sermões, não a firmeza dos argumentos. Era outra coisa. Era o rosto de alguém que está com medo, mas faz a coisa de que tem medo porque é necessária.

Quando terminou, levantou-se devagar, com o cuidado de quem tem os joelhos ruins. Me viu olhando. Não disse nada. Saiu do barraco.

O velho morreu naquela noite.

Thomas ficou acordado. Sentado na entrada do barraco, com o livro no colo, em silêncio. Quando amanheceu, organizou o enterro com a mesma calma com que organizava qualquer outra coisa — escolheu o lugar, pediu que alguns homens cavassem, ficou de pé na beira da vala enquanto baixavam o corpo embrulhado em lona, leu mais uma vez o início de João, ficou em silêncio.

Depois foi distribuir farinha para o café da manhã das crianças.

Escrevi no caderno naquela manhã: "Não sei o que Thomas é. Sei que ficou acordado com o velho e de manhã distribuiu farinha. Posso condenar o que ele prega. Não consigo condenar o que ele faz."

E depois, embaixo, com letra menor, como se quisesse que fosse mais difícil de ler: "Não tenho certeza de que a diferença entre os dois seja tão grande quanto eu precisava que fosse."

CAPÍTULO 4

O confronto

Pedi a conversa na manhã do sétimo dia.

Não havia planejado esperar tanto. Havia chegado à ilha com a intenção de ser direto — encontrar Thomas, apresentar as preocupações da sede, avaliar a situação, propor o retorno. Missão clara, prazo razoável. Mas a ilha havia feito o que a ilha faz com quem chega com planos: não os destruiu, simplesmente foi tornando-os cada vez menos urgentes, como a umidade que vai amolecendo o papel até que as palavras escritas nele perdem o contorno.

Sete dias. Havia assistido a três sermões, testemunhado dois enterros, ajudado a carregar água, comido peixe e farinha duas vezes por dia, dormido mal todas as noites, anotado mais do que nunca havia anotado em qualquer missão anterior, e ainda não havia dito a Thomas o que havia vindo dizer.

Então fui encontrá-lo.

Estava sozinho perto da água, na parte da ilha onde a floresta ainda não havia cedido — um trecho de margem onde as raízes cresciam sobre a água e havia uma pedra larga o suficiente para dois homens se sentarem. Thomas estava nessa pedra com os pés na água escura, o livro ao lado, olhando para a outra margem do rio onde a floresta era apenas escuridão compacta.

Sentei-me ao lado dele.

Ficamos em silêncio por um tempo que não sei medir com precisão — talvez cinco minutos, talvez mais. O rio fazia o barulho de sempre. Algum animal na floresta à direita emitia um som periódico, sempre no mesmo intervalo, como um relógio que esqueceu de parar.

Fui o primeiro a falar. Claro.

— Thomas. Preciso que você entenda por que eu vim.

— Entendo — disse ele, sem me olhar.

— Dois anos sem contato. Sem rádio, sem carta, sem nenhum sinal de...

— O rádio quebrou no segundo mês. Escrevi cartas. Dei a garimpeiros que iam para San Juan. — Pausa. — Não chegaram?

Fiz uma pausa. — Não.

Ele assentiu levemente, como quem confirma uma suspeita antiga.

— Não chegaram porque ninguém as levou de verdade, ou porque chegaram e foram descartadas, ou porque o sistema de comunicação da sede não estava preparado para receber o que eu escrevia. — Outra pausa. — Qualquer das três explicações diz algo sobre o sistema, não sobre mim.

— Thomas, o que você está fazendo aqui não é...

— O que eu deveria estar fazendo? — Agora me olhou. Os olhos fundos, acordados, com aquela luz específica que a febre deixa mesmo depois que a febre passa. — Dize-me o que eu deveria estar fazendo e eu te direi por que não consigo mais fazer isso.

Respirei fundo.

— Você deveria estar convertendo. Cuidando. Construindo uma comunidade batista sólida, com doutrina clara, com comunicação regular com a sede, com...

— Convertendo para quê? — A voz não subiu. Ficou igual. Isso era o desconcertante: Thomas não debatia com calor. Debatia com a temperatura constante de quem não precisa vencer uma discussão porque já não acredita que discussões se vencem.

— Convertendo para uma fé que diz que Deus é bom e depois não envia médico? Para uma doutrina que promete cuidado e entrega silêncio? Para uma instituição que marca alfinetes em mapas em Boa Vista e chama isso de missão?

— A sede se preocupa. Eu estou aqui, Thomas, porque...

— Você está aqui porque dois anos de silêncio ameaçam o relatório anual.

— Não havia crueldade nisso. Havia apenas a precisão de quem diagnostica.

— Não te culpo. Você está cumprindo o que foi enviado para cumprir. Mas não me peça para fingir que a preocupação da sede é com Alcides, que morreu semana passada, ou com o velho Maquiritare que morreu anteontem, ou com as quatro crianças que enterrei no primeiro ano. A sede não sabia o nome deles. Eu sei.

Fiquei quieto.

O rio continuou.

— Você veio me buscar — disse ele, depois de um tempo.

— Buscar implica que eu estou perdido.

— Virou o rosto para o rio.

— Há dois anos eu também achava que estava perdido. Depois entendi que estava chegando. São coisas que parecem iguais de longe.

Ficamos em silêncio por um tempo. Não era silêncio de impasse — era silêncio de dois homens que estão reformulando o que vão dizer a seguir porque o que haviam preparado não serviu mais.

Fui eu quem quebrou.

— Thomas. O que você prega — disse com cuidado, procurando as palavras certas, sabendo que não existiam — o que você prega a esses homens e a essas crianças e a esses doentes é que o mundo é fundamentalmente mau. Que a matéria é uma prisão. Que o sofrimento é prova de que este mundo não foi feito por um Deus bom. — Pausa. — Você entende o que isso faz com pessoas que já estão no limite?

— O que faz? — perguntou, genuinamente.

— Tira delas a razão para lutar. Para buscar tratamento. Para sair daqui e tentar uma vida diferente. Se o mundo é uma prisão cósmica, não há razão para reformar a prisão. Só há razão para esperar a morte como libertação.

Thomas ficou em silêncio por um momento. Depois disse:

— Você descreve minha teologia com precisão. — Pausa. — Mas descreve a teologia oposta com palavras que você mesmo não acredita.

— Não é verdade.

Johnson.

— Meu nome na boca dele tinha um peso diferente do que na boca de qualquer outra pessoa que conheço. Como se ele dissesse o nome e junto dissesse: “eu te conheço mais do que você pensa”. — Você me diz que minha pregação tira das pessoas a razão para lutar. Então me diga: a pregação que você traz em troca, a da sede, a dos alfinetes no

mapa — ela deu a Alcides razão para lutar? A medicina que ela enviou chegou a tempo? A estrutura que ela prometeu foi construída? As crianças que morreram no meu primeiro ano aqui — elas morreram aguardando a chegada do Deus bom que a sede proclama?

Não respondi.

— Não é que eu tire delas a esperança — disse ele, mais devagar. — É que a esperança que eu ofereço é a única que não mente. Eu não prometo cura do corpo. Não posso prometer o que não tenho como entregar. Prometo outra coisa — que o que eles são, não se esgota no que está apodrecendo. Que há em cada um deles algo que a febre não alcança, que o mercúrio não contamina, que o garimpo não compra.

— Pausa.

— Você chama isso de resignação. Eu chamo de dignidade. E na ausência de tudo o mais, a dignidade é o que resta.

— E se a dignidade que você oferece os impede de buscar o que poderia salvá-los?

— Que coisa? — A pergunta era simples, direta, sem ironia. — Que coisa poderia salvá-los que ainda não chegou? O Estado venezuelano? O Estado brasileiro? A OMS? A sede batista de Boa Vista? — Olhou para mim. — Você mesmo tem antimalárico suficiente para tratar todos os doentes desta ilha?

Sabia a resposta. Ele sabia que eu sabia.

— Não — disse.

— Então — disse ele, com aquela calma. — Então.

Houve um momento de silêncio mais longo do que os outros. A floresta à direita tinha parado com o som periódico. O rio continuava, indiferente como sempre, escuro e largo e cheio de coisas que não pediam permissão para existir.

Thomas pegou o Evangelho de João. Não o abriu — apenas o segurou, como havia segurado durante os sermões, como quem precisa de companhia para pensar.

— Posso te fazer uma pergunta? — disse ele.

— Pode.

— Você olhou para este rio hoje?

— Sim.

— E o que você viu?

Hesitei. Havia algo na pergunta que pedia honestidade e eu sabia que a honestidade ia me custar alguma coisa.

— Destruição — disse.

— Antes da destruição.

Não respondi imediatamente. Ele esperou.

E eu soube que ele sabia o que eu havia visto, porque era o que qualquer pessoa com olhos abertos veria naquele rio naquela luz: algo de uma beleza tão absurda, tão gratuita, tão completamente indiferente à miséria humana ao redor que a beleza em si parecia uma crueldade. A água escura refletindo o entardecer. As árvores dobrando sobre o canal com aquela elegância que não pede audiência. O silêncio que existe entre os sons, mais profundo do que qualquer um dos sons.

— Você viu as duas coisas ao mesmo tempo — disse Thomas. Não era pergunta. — A beleza e o horror. E os dois eram verdadeiros. E você passou os últimos sete dias tentando decidir qual dos dois é o verdadeiro. — Pausa. — Porque a sua teologia diz que só pode haver um Deus, e esse Deus fez as duas coisas, e esse Deus é bom, então ou a beleza é real e o horror é punição, ou o horror é real e a beleza é consolação. E nem uma nem outra explicação satisfaz o que você viu.

Fiquei olhando para o rio.

— A minha teologia — disse ele — tem a honestidade de dizer que foram dois. Um fez a beleza. Outro fez o horror. E estamos no meio, tentando encontrar o primeiro enquanto o segundo nos devora.

— É heresia — disse eu. A palavra saiu automaticamente, como reflexo.

— Heresia — repetiu ele, e pela primeira vez naquela conversa havia algo na voz que não era bem calma — era cansaço, o cansaço específico de quem ouviu a mesma palavra muitas vezes e já não sabe se ela significa algo. — Heresia é uma palavra que os que têm poder usam para calar os que não têm. Aqui não tem poder, Johnson. Aqui tem lama, febre, fome e dois rios. Então aqui não tem heresia. Aqui tem apenas o que é verdadeiro e o que é mentira.

Levantou-se da pedra. Estava de pé agora, com os pés na lama da margem, olhando para a floresta escura do outro lado.

— Você pergunta se eu estou louco — disse, sem me olhar. — Todo mundo pergunta, de um jeito ou de outro. Os garimpeiros perguntam com os olhos. Dona Perpétua pergunta sem perguntar. Você pergunta educadamente em nome de uma sede que quer um relatório. — Pausa. — Eu não sei se estou louco. Sei que antes de vir para esta ilha eu tinha respostas para perguntas que ninguém estava fazendo. E depois de dois anos aqui tenho perguntas para respostas que ninguém consegue dar. Isso é loucura ou é o oposto? Não respondi.

— A diferença entre nós — disse ele — não é que eu perdi a fé e você a conservou. É que eu levei a fé a sério demais para continuar fingindo que as perguntas que ela levanta não existem. Você levou a fé a sério o suficiente para servir bem à instituição. — Olhou para mim por sobre o ombro. — Não digo isso como insulto. Digo como diagnóstico.

Ficamos em silêncio por um longo tempo depois disso.

A noite havia chegado enquanto conversávamos — não de um golpe, mas do modo como a noite amazônica chega, que é deslizando, preenchendo os espaços entre as coisas até que de repente não há mais espaço que não seja escuro. As fogueiras do acampamento atrás de nós davam uma luz laranja fraca que chegava até onde estávamos sem iluminar muito.

Thomas sentou-se de volta na pedra. Abriu o Evangelho de João. Leu em silêncio por um momento, depois leu em voz alta — muito baixo, quase para si mesmo, em português com aquela entonação que tinha nos sermões, a entonação de quem diz algo que acredita de um modo que vai além do que o cérebro processa:

“— No princípio era o Verbo. E o Verbo estava com Deus. E o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por meio dele, e sem ele nada foi feito do que foi feito. Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, e as trevas não a compreenderam”.

Fechou o livro.

— João entendeu — disse ele. — Trevas e luz no mesmo verso. Não uma depois da outra. Juntas. Simultâneas. A luz resplandece nas trevas. Não apesar das trevas. Dentro delas.

— Pausa. — A sede me enviou para trazer luz para as trevas desta ilha. Cheguei e

encontrei a luz já aqui, dentro das trevas, e as trevas sendo muito maiores do que qualquer coisa que eu havia trazido de Boa Vista. Então tive de escolher: fingia que as trevas eram menores, ou levava a luz a sério o suficiente para admitir o tamanho das trevas?

— E a sua resposta foi inventar um segundo deus maligno responsável pelas trevas.

— A minha resposta foi nomear o que já existia sem nome. — Não havia irritação, havia paciência. — Você chama de invenção. Eu chamo de observação. Passei dois anos observando esta ilha. O que observei não é compatível com um único criador benevolente. É compatível com dois criadores em conflito, um dos quais está claramente ganhando neste trecho do rio.

Olhei para ele.

— Thomas. — Parei. Comecei de novo. — Thomas, você começou querendo salvar estas pessoas do sofrimento. Eu te conheço o suficiente para saber isso. Vi você naquele retiro em Boa Vista, anos atrás, falando do interior com aquele fogo...

— Eu me lembro.

— Esse homem ainda está aqui?

A pergunta ficou no ar. Thomas olhou para o rio escuro por um tempo.

— Esse homem — disse, devagar — está aqui mais do que nunca. O fogo que você viu naquele retiro era fogo de quem quer fazer algo pelo mundo. Esse fogo ainda está aqui. O que mudou é o que o fogo iluminou. Em Boa Vista, iluminava esperança. Aqui, ilumina o que é. — Pausa. — E o que é, não é o que eu esperava encontrar. Então o fogo ficou, e a esperança foi embora, e o que ficou no lugar da esperança foi algo mais difícil de carregar, mas mais honesto de ter.

— O quê?

Ele olhou para mim.

— Testemunho.

Fui para o barraco depois de meia-noite.

Sentei-me na rede sem deitar-me. Abri o caderno. Fiquei olhando para a página em branco por um tempo que não sei precisar.

Depois escrevi:

"Thomas está errado na teologia. Isso tenho certeza."

Parei.

"Tenho menos certeza do que tinha há sete dias."

Parei de novo.

Escrevi, com a letra menor, como nas outras vezes em que a letra ficava menor quando o pensamento ficava maior:

"Há um momento, à beira do rio, em que ouvi o que ele disse sobre os dois deuses e pensei: é isso. Não pensei que ele tinha razão. Pensei: é isso que se pensa quando se viu o que ele viu e não se tem mais como não ver."

"A diferença entre nós pode não ser que eu seja mais sábio ou mais fiel ou mais equilibrado."

"A diferença entre nós pode ser que eu cheguei depois."

Fechei o caderno. Deitei-me na rede. Ouvi Thomas pregando lá fora — mais tarde do que de costume, numa roda pequena de três ou quatro pessoas que também não conseguiam dormir

A voz chegava até mim em fragmentos, como sempre. Não as palavras. O ritmo.

Pensei: se eu ficasse mais dois meses nesta ilha, estaria pregando ao lado dele.

Pensei: ou estaria indo embora com ele.

Pensei: não sei qual das duas coisas me assusta mais.

Dormi com esse pensamento. Ele estava lá quando acordei, intacto, como os pensamentos que são verdadeiros demais para o sono desfazer.

CAPÍTULO 5

A febre

Começou com frio.

Não o frio do ar — o ar de Itivini nunca é frio, é úmido e quente mesmo à meia-noite, mesmo no centro do rio, mesmo quando chove. Era o frio de dentro, o tipo que nasce nos ossos antes de chegar à pele, como se o corpo houvesse decidido produzir seu próprio inverno independentemente do que acontecia do lado de fora. Acordei tremendo, com a rede balançando pelo tremor, e pensei: não. Pensei: ainda não, por favor, não aqui.

Mas a ilha não pediu permissão.

Levantei-me e caí. Não com drama — simplesmente as pernas não sustentaram o peso, como se houvessem combinado entre si, sem me avisar, de entrar em greve. Fiquei no chão de tábua por um momento, tonto, com o teto de lona girando acima de mim de um modo que o teto de lona objetivamente não estava girando. Tentei me levantar de novo. Consegui desta vez, mas consegui da maneira que se consegue quando o corpo ainda obedece, mas com relutância, como um funcionário que trabalha o mínimo necessário para não ser demitido.

Cheguei à entrada do barraco e chamei.

Não sei quem chamei. Chamei no escuro, para o acampamento adormecido, sem nome específico. Houve um movimento rápido que não esperava — o menino Sadão estava sentado do lado de fora, na escuridão, como se estivesse esperando exatamente aquilo. Ele me olhou. Olhou para minha testa. Levantou-se sem dizer nada e foi em direção ao barraco de Dona Perpétua em passadas curtas e silenciosas, com a certeza de quem sabe exatamente onde tudo está mesmo sem luz.

Sentei-me na entrada do barraco com a cabeça entre os joelhos e esperei.

Dona Perpétua chegou com uma lanterna baixa e mãos que já sabiam o que fazer antes de examinar. Sentou-se ao meu lado, colocou a palma na minha testa com a precisão de termômetro humano, olhou para Sadão e disse algo em Maquiritare. Ele foi e voltou com uma cuia de água e um pano. Ela molhou o pano, colocou na minha nuca, disse a mim em português:

— Malária. Já estava na sua chegada, dormindo. Agora acordou.

Perguntei se havia antimalárico.

— Do que o senhor trouxe, sim. Sadão vai buscar.

— Eu mesmo posso...

— O senhor não pode nada agora — disse ela, sem crueldade, com a autoridade específica de quem já disse isso muitas vezes para muitas pessoas que achavam que podiam. — Agora o senhor fica quieto e deixa o corpo trabalhar.

Fiquei quieto.

O corpo trabalhou.

O que se segue não é narrativa contínua. A febre não é contínua — é episódica, com intervalos de falsa lucidez que enganam o doente fazendo-o acreditar que melhorou, seguidos de mergulhos que desfazem a ilusão. Conto o que consigo contar na ordem em que consigo contar, sabendo que a ordem pode não ser a que aconteceu.

Em algum momento Thomas apareceu.

Não sei que hora era. A lanterna de Dona Perpétua estava em algum lugar que não iluminava diretamente a minha rede, e a única luz era aquela luminescência difusa que a floresta tem às vezes em noites sem lua, como se as próprias árvores guardassem um pouco de claridade no interior das folhas e a liberassem quando o mundo precisava.

Thomas estava sentado num banquinho de madeira ao lado da rede. Não fazia nada — não lia, não rezava, não me observava com a expressão clínica de quem avalia um doente. Estava simplesmente sentado, como quem está junto de alguém por nenhuma outra razão além de não querer que esse alguém esteja sozinho.

Não disse nada.

Eu também não.

Depois ele foi embora, ou eu perdi a consciência, não sei.

A visão — se é que devo chamá-la assim, porque visão sugere algo que vem de fora, e o que aconteceu parecia vir de dentro, de algum lugar aquém ou além do pensamento ordinário — a visão chegou na noite do segundo dia de febre, que foi a noite mais alta da temperatura, o pico que Dona Perpétua monitorava com aquela seriedade silenciosa de quem já viu muitos picos e sabe distinguir os que passam dos que não passam.

Vi a ilha de cima.

Não como sonho que se sabe sonho — como percepção que se sente mais real do que as percepções ordinárias, com aquela nitidez aumentada que às vezes a febre traz, como se o filtro que o cérebro usa para tornar o mundo suportável houvesse sido temporariamente removido e o mundo estivesse chegando diretamente, sem mediação, sem suavização.

Vi a ilha inteira, de cima, como pássaro que paira sem bater asas.

Vi as duas coisas ao mesmo tempo.

A floresta que havia sido — densa, fechada, sem interrupção, com aquela inteligência orgânica das florestas antigas que crescem em direção umas às outras até não deixar espaço para o que não é floresta. As árvores da beira curvando sobre a água escura. A ilha como coisa inteira, unidade, que existia antes de qualquer nome humano e continuaria existindo depois de qualquer nome humano.

E ao mesmo tempo, sobreposta, não substituindo, mas coexistindo como duas fotografias sobre a mesma folha de papel: a devastação. O centro raspado. Os barracos de lona azul vistos de cima parecendo feridas cobertas com curativo barato. As fogueiras como pontos laranja num mapa que ninguém desenhou, mas todos estavam habitando. O rio com aquela coloração na superfície que não era reflexo, mas contaminação. As marcas das dragas nas margens como cicatrizes que não tinham mais como fechar porque a causa ainda estava presente.

E no centro das duas imagens sobrepostas, pontos de luz que eram pessoas.

Pequeninas, vistas de cima. Minúsculas no contexto da ilha, que era minúscula no contexto do rio, que era minúsculo no contexto da floresta, que era minúscula no contexto de tudo que existia além dela. Mas pontos de luz, ainda assim. Persistentes. Teimosos na sua pequenez.

Vi a figura de túnica clara no centro.

Vi outra figura, deitada num barraco, com a rede balançando levemente — reconheci a rede porque era a minha, reconheci a figura porque era eu, e havia algo simultaneamente absurdo e inevitável em ver a si mesmo de fora, febril e pequeno e deitado numa ilha no meio de um rio no meio de uma floresta no meio de um continente no meio de um mundo

que continuava completamente indiferente à questão de se eu entendia ou não entendia o que estava vendo.

Então o escuro veio.

Não como apagamento — como chegada. O escuro do rio ao redor da ilha. O escuro da floresta ao redor do rio. O escuro do céu ao redor da floresta. E no escuro do céu: nada que eu pudesse nomear, nada que confirmasse ou negasse qualquer coisa, apenas a extensão do que existe além do que conseguimos ver.

E nessa extensão, dois pensamentos chegaram juntos, simultâneos, sem hierarquia entre eles:

“Este mundo é insuportavelmente belo”.

“Este mundo é insuportavelmente cruel”.

E a impossibilidade de escolher entre os dois não era fraqueza do pensador. Era a natureza do que estava sendo pensado.

Acordei.

A lanterna de Dona Perpétua estava apagada. A luz que entrava pelo vão da lona era a luz anterior ao sol, aquela luz cinza-rosada que não é aurora ainda, mas já não é noite, que existe por talvez vinte minutos antes que o sol apareça e decida o que o dia vai ser.

Havia alguém sentado ao lado da rede.

Sadão.

O menino estava sentado no mesmo banquinho de madeira onde Thomas havia sentado — quando, não sei, talvez um ou dois turnos atrás na noite, talvez mais. Tinha o Evangelho de João aberto no colo — o exemplar de Thomas, o embrulhado no pano escuro — e lia em voz muito baixa, quase inaudível, com aquela entonação que reconheci dos sermões, mas numa língua que não era português.

Maquiritare.

Não entendi nenhuma palavra. Não precisei entender nenhuma palavra. Havia naquele menino de doze anos, sentado na penumbra do amanhecer amazônico, lendo em voz baixa numa língua antiga um texto de dois mil anos, uma qualidade de presença que não tenho como descrever sem diminuir.

Fiquei quieto, ouvindo.

Ele leu por talvez dez minutos sem perceber que eu havia acordado. Quando percebeu, fechou o livro devagar. Me olhou. Não disse nada. Levantou-se, foi até a cuia de água, trouxe para mim.

Bebi.

Olhei para ele e perguntei, em português, sem esperar que entendesse: — O que você estava lendo?

Ele não respondeu imediatamente. Depois disse, em português com sotaque denso e preciso, como quem havia aprendido a língua com cuidado e a usava com economia: — O começo.

Não perguntei o começo de quê. Era óbvio e era também uma pergunta grande demais para aquela hora da manhã com a febre ainda descendo.

— Thomas te ensinou a ler? — perguntei.

— Thomas me ensinou a ler João — disse ele. — O resto eu aprendi sozinho.

Fiquei olhando para ele por um momento. Havia em Sadão alguma coisa que eu precisaria de tempo para entender — uma antiga independência, como se houvesse crescido aceleradamente não por trauma, embora provavelmente houvesse trauma, mas por uma espécie de decisão interior de estar presente para o que era necessário. Crianças assim existem em lugares onde a infância não pode se dar ao luxo de durar.

— Por que você estava aqui? — perguntei. — A noite toda?

Ele considerou a pergunta com seriedade.

— Thomas disse que quando alguém tem febre alta, não deve ficar sozinho. Não por causa da febre. — Pausa. — Por causa do que a febre mostra.

Não entendi na hora. Ou entendi demais e fingi não entender.

Escrevi no caderno naquela tarde, quando a febre havia descido o suficiente para que a letra não tremesse:

"Esta noite entendi por que Thomas ficou".

Parei.

"Não entendi se ele está certo".

Parei de novo. Escrevi embaixo, em letras menores:

"Vi a ilha de cima. Vi as duas coisas ao mesmo tempo. Vi os pontos de luz que são pessoas. Vi Thomas no centro".

"E vi a mim mesmo deitado no barraco, pequeno, febril, completamente fora do meu elemento, completamente dentro do problema."

"E pensei os dois pensamentos ao mesmo tempo — a beleza e o horror — e não consegui resolver qual era o verdadeiro".

"Thomas não consegue resolver, e ficou".

"Eu não consigo resolver, e vou embora".

"Não sei se a diferença entre ficar e ir embora é sabedoria ou covardia. Não sei se para Thomas ficar foi coragem ou rendição".

"Sei que o Sadão leu João em Maquiritare ao meu lado enquanto eu tinha febre e que isso foi o ato mais pastoral que testemunhei nesta ilha, e que ele tem doze anos, e que Thomas o ensinou, e que não sei o que fazer com esse fato dentro do argumento que vim construir".

Fechei o caderno.

Fora, ouvi Thomas distribuindo farinha para o café das crianças, como todas as manhãs, com a voz baixa e a calma de quem não está salvando o mundo, apenas fazendo o que precisa ser feito antes que o sol es quente demais.

Levei três dias para me recuperar o suficiente para andar normalmente.

Durante esses três dias, Thomas não retomou nenhuma das conversas que havíamos tido. Aparecia, verificava como eu estava, trazia água ou comida, ia embora. Sem pressa, sem distância — com aquela presença que era o seu modo específico de estar junto de alguém sem invadir.

Na tarde do terceiro dia, sentei-me do lado de fora do barraco ao sol fraco que conseguia atravessar a lona. Raimundo Boca-de-Ouro passou, me viu, sentou-se ao lado sem convite.

Ficamos em silêncio um tempo.

— Boa Vista é longe — disse ele, eventualmente. Não era pergunta.

— É.

— O senhor vai voltar.

— Sim.

Ele assentiu. Olhou para as mãos — as mãos com a cor permanente da terra, as unhas que tinham desistido de ficar limpas.

— Quando o senhor chegar lá — disse ele, devagar, escolhendo as palavras com o cuidado de quem não fala muito, mas quando fala quer que seja exato — conta o que viu. Não o que achou. O que viu.

Olhei para ele.

— Por quê?

Ele ficou em silêncio por um momento.

— Porque o que as pessoas acham sobre este lugar não tem nada a ver com o que este lugar é. — Pausa. — E enquanto o que acham for diferente do que é, nada muda. — Outra pausa, mais longa. — Não que eu ache que mudar alguma coisa. Mas se não contar, não tem nem chance.

Fiquei com aquilo.

À noite, escrevi no caderno: "Raimundo Boca-de-Ouro me deu a melhor instrução jornalística que já recebi. E é garimpeiro. E provavelmente vai morrer nesta ilha. E o ouro que ele buscou foi embora. E o dente de ouro ainda está na boca".

"Não sei o que fazer com nenhuma dessas informações".

"Vou contá-las mesmo assim".

CAPÍTULO 6

O desaparecimento

Os barcos chegaram numa quinta-feira.

Três deles, maiores do que o habitual, com motores novos que se ouviam de longe — não o ronco cansado dos barcos que já trabalharam demais, mas o ruído limpo e agressivo de equipamento recente, o tipo de equipamento que custa dinheiro que não veio do garimpo, mas foi para o garimpo. Carregavam homens que eu não havia visto antes na ilha: mais jovens, mais duros, com aquela postura específica de quem chegou para fazer algo e não está particularmente interessado em conversa.

Carregavam também equipamento pesado. Bombas de sucção. Tambores de combustível. Caixas que não foram abertas na frente de ninguém. Um dos homens trazia no cinto algo que não era faca.

Eládio, que havia ficado ancorado na ilha aguardando minha recuperação — por quanto tempo ficaria, nunca perguntei, nunca ele disse, simplesmente estava lá toda manhã quando eu olhava para o rio — Eládio os viu chegar e foi para o barco sem que ninguém precisasse pedir. Ficou lá.

Thomas observou do mesmo lugar de sempre — a beira da água, imóvel, com o livro na mão — enquanto os barcos atracavam e os homens desembarcavam. Não foi recebê-los. Não os impediu. Ficou parado, olhando, com aquela expressão que eu já havia aprendido a ler como leitura: ele estava registrando, como quem vê algo que confirma o que já sabia e não obtém satisfação nenhuma em ter razão.

O Sargento Villanueva chegou no terceiro barco.

Era um homem de uns quarenta e cinco anos, fardado sem o rigor que o uniforme exigia, com um bigode que sugeria autoridade e olhos que desmentiam a sugestão. Desembarcou com a desenvoltura de quem conhece o terreno — não porque já houvesse estado ali muitas vezes, mas porque já havia estado em lugares como aquele muitas vezes, e lugares como aquele têm uma gramática que quem trabalha nas fronteiras aprende a ler sem precisar de dicionário.

Cumprimentou Thomas com um aceno de cabeça que tinha algo de respeito e algo de advertência, as duas coisas ao mesmo tempo.

Thomas devolveu o aceno sem acrescentar nada.

Villanueva fez uma ronda pelo acampamento com as mãos atrás das costas, o andar vagaroso de quem não precisa parecer estar inspecionando para estar inspecionando. Parou diante de alguns dos garimpeiros antigos, trocou palavras baixas. Olhou para os barracos dos doentes sem se aproximar. Olhou para a cruz invertida por um segundo mais longo do que olhou para as outras coisas. Não comentou.

Antes de voltar para o barco, passou por mim. Me olhou com a atenção de quem cataloga rostos novos automaticamente, por hábito profissional.

— Missionário? — perguntou, em espanhol.

— Sim.

Ele olhou para Thomas, que estava de costas para nós dois.

— Seu irmão é um homem interessante — disse, sem tom avaliativo. — Mantém uma ordem aqui que eu não consigo manter. — Pausa. — Não concordo com os métodos. Mas a ordem está.

Voltou para o barco. Dois dos homens novos trouxeram uma caixa pequena. Villanueva a recebeu, a colocou embaixo do braço, partiu.

A ordem estava. O preço da ordem havia sido pago. Ninguém mencionou nem um nem outro.

Thomas ficou em silêncio pelos dois dias seguintes.

Não o silêncio de sempre — o silêncio que era seu modo de estar presente. Um silêncio diferente, mais fundo, como o silêncio de alguém que está escutando algo que os outros não ouvem. Fez o que sempre fazia: distribuiu comida, cuidou dos doentes, andou pela ilha, dormiu pouco. Mas os sermões daquelas duas noites foram curtos — dez, quinze minutos — e mais parecidos com despedida do que com pregação, embora eu não soubesse disso ainda.

Dona Perpétua me encontrou no dia seguinte. Sentou-se ao meu lado sem cerimônia, como era seu hábito, e ficou em silêncio por um tempo.

Depois disse, olhando para a floresta:

— Ele está decidindo.

— Decidindo o quê? — perguntei.

Ela não respondeu diretamente. Disse:

— Quando um homem fica tempo suficiente num lugar, o lugar e o homem começam a ser a mesma coisa. Não é metáfora. É o que acontece. O cheiro do rio já está nele de um jeito que não sai. A língua dos Maquiritare já está nele de um jeito que não sai. Os nomes dos mortos já estão nele de um jeito que não sai. — Pausa. — Quando chega o momento de ir, ele não está mais indo sozinho. Está levando tudo isso junto, ou está deixando tudo isso para trás. E deixar para trás não é possível. Então ou ele vai levando, ou ele fica.

— Ou? — disse.

— Ou vira floresta — disse ela, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Não perguntei o que queria dizer. Havia perguntas que esta ilha me havia ensinado a não fazer em voz alta.

O último sermão aconteceu na noite do segundo dia, depois que o sargento Villanueva havia ido embora e os homens novos haviam montado acampamento numa parte da ilha que Thomas havia deixado livre tacitamente, como quem deixa um quarto para um hóspede indesejado porque expulsá-lo custaria mais do que tolerá-lo.

Era mais tarde do que o habitual. As crianças já dormiam. Ficaram os adultos — garimpeiros antigos, os Maquiritare mais velhos, Raimundo, Dona Perpétua, Sadão que nunca dormia cedo, eu.

Thomas chegou ao centro do círculo e ficou em silêncio por um tempo que foi o mais longo que eu havia registrado. Tão longo que alguns dos presentes olharam uns para os outros com aquela hesitação de quem não sabe se o silêncio é parte do sermão ou sinal de que algo errou.

Era parte do sermão.

Quando falou, falou em português. Depois em Maquiritare. Alternando, às vezes no meio de uma frase, sem avisar, como quem pensa em dois idiomas simultaneamente porque o pensamento ficou grande demais para caber num só. Transcrevo o que consegui anotar depois, reconstruindo do português e do que Dona Perpétua me traduziu nos dias seguintes:

— Há uma última porta — disse ele. — Não estou falando da morte. A morte é uma das portas, não a última. A última porta é o momento em que um homem decide o que é — o que de fato é, não o que lhe disseram que era, não o que o documento diz, não o que a instituição espera. O momento em que tudo que foi construído sobre ele cai, e o que resta depois que cai é o que sempre foi.

Caminhou devagar. A voz ainda mais baixa do que o habitual, ainda mais inevitável.

— Todos nós chegamos a esta ilha carregando o mundo de onde viemos. O maranhense carregou o Maranhão. O paraense carregou o Pará. Eu carreguei Boa Vista, e antes de Boa Vista carreguei tudo que me fizeram acreditar que Deus era. — Pausa. — A ilha não nos pediu para largar esses pesos. A ilha simplesmente foi sendo ilha, e os pesos foram ficando pesados demais, e um por um foram caindo. E o que fica depois que caem não é vazio. É a primeira coisa verdadeira que sentimos desde que nascemos.

Ficou parado.

— Eu a encontrei — disse, muito baixo. — Encontrei a coisa verdadeira. Não vou descrevê-la por que descrição é outra forma de mentira, e eu já disse mentiras suficientes em nome de verdades que não eram minhas. Digo apenas: ela existe. Está aqui. Está em vocês. O Deus da Lama cobriu-a com febre, com fome, com ouro e com promessas. Mas ela existe embaixo de tudo isso, intacta, esperando que vocês parem de cavar na direção errada.

Olhou para cada pessoa no círculo. Demorou em alguns. Em mim demorou mais do que nos outros.

— A última porta está aberta — disse. — Quem quiser atravessar, atravesse.

Pausa.

— Eu atravessei.

Não dormi naquela noite.

Fiquei na rede ouvindo a ilha — os sons de sempre, o rio, a floresta, os animais noturnos que nunca aprendem a se calar. Havia algo no ar que não era diferente objetivamente, mas que eu percebia como diferente, como o ar antes de uma tempestade que ainda não começou mas já está decidida.

Adormeci por uma ou duas horas antes do amanhecer.

Quando acordei, Sadão estava na entrada do barraco. Me olhava. Tinha uma expressão que não era exatamente alarme — era a expressão de quem sabe de algo e está avaliando como dizer.

Disse apenas:

— Venha.

A túnica estava dobrada na beira do rio.

Dobrada com cuidado — não jogada, não esquecida, mas dobrada com a atenção de quem faz algo pela última vez e quer fazê-lo bem. O tecido cru, manchado pela umidade de dois anos, estava sobre uma pedra rasa na margem, com as dobras exatas e firmes de uma coisa que havia sido tratada com respeito.

Ao lado da túnica: os pés descalços de sempre haviam deixado marcas na lama úmida da margem. As marcas iam até a beira da água e paravam. Não havia marcas voltando.

O rio estava como sempre — largo, escuro, indiferente, correndo na direção que sempre correu.

Fiquei olhando para as marcas por um tempo que não sei medir.

Raimundo chegou atrás de mim. Ficou ao meu lado. Olhou para a túnica, para as marcas, para o rio.

Disse, muito baixo:

— De madrugada vi uma sombra. Perto d'água. Achei que era sono. Quando fui ver, não tinha nada.

Não perguntei para onde Thomas havia ido. Era uma pergunta que eu sabia que não tinha resposta disponível, ou que tinha uma resposta que o rio não estava obrigado a dar.

A caixa impermeável estava sobre o catre de Thomas, no barraco que havia ocupado durante dois anos.

Fechada, com os fechos de metal enferrujado nas bordas. Sobre ela, dois papéis dobrados.

Um em português. Um em Maquiritare.

Peguei o de português.

Abri.

Três linhas, com a letra de Thomas — pequena, precisa, ligeiramente inclinada para a direita, como sempre havia sido:

“Johnson. Você vai contar esta história do jeito que precisar contar para que eles entendam. Não se preocupe em ser fiel ao que aconteceu. Seja fiel ao que você viu. São coisas diferentes”.

“O Deus da Lama faz missões. O Deus da Luz faz silêncio”.

“Eu escolhi o silêncio”.

Dobrei o papel. Coloquei no bolso do colete. Ficou lá durante todo o tempo que ainda passei na ilha, durante a viagem de volta no barco de Eládio, durante o voo de San Juan de Manapiare para Boa Vista, e está aqui agora, no mesmo bolso, enquanto conto isto a vocês.

Procurei Thomas por dois dias.

Percorri as margens da ilha. Entrei na borda da floresta com Sadão, que andava à minha frente em silêncio, sem indicar nada, sem negar nada. Perguntei aos garimpeiros, aos Maquiritare, a Dona Perpétua. Perguntei a Villanueva pelo rádio — ele respondeu que não havia registro de nenhum homem descendo o rio nos últimos dias.

No segundo dia de busca, sentei-me num tronco no centro do que havia sido o acampamento e entendi que procurar não ia mudar o resultado. Thomas não havia se perdido. Thomas havia ido. Há uma diferença enorme entre as duas coisas, e confundir uma com a outra era o último desserviço que eu poderia fazer a ele.

Fui falar com Sadão.

Encontrei-o onde quase sempre o encontrava — sentado em algum lugar ligeiramente afastado do movimento, com os olhos abertos para o que os outros não estavam vendo. Perguntei, em português, sabendo que ele entendia:

— Onde ele foi?

Sadão olhou para a floresta. Ficou em silêncio por um momento. Depois disse uma frase em Maquiritare — longa, com aquela musicalidade específica da língua, com pausas nos lugares que não são os mesmos do português.

Fui até Dona Perpétua.

Ela ouviu a frase que eu havia anotado foneticamente no caderno, como pude. Fechou os olhos por um momento. Abriu. Traduziu devagar, com cuidado, como quem traduz não apenas palavras, mas o peso específico que as palavras carregam numa língua que não é a sua:

— Ele foi buscar onde o rio nasce. Ninguém volta de lá, porque lá não tem de volta.

Parti na manhã do terceiro dia.

A comunidade estava na beira da água. Não todos — alguns dos garimpeiros novos não vieram, Villanueva havia ido há dias. Mas os que estavam eram os que haviam ficado durante todo o tempo: Raimundo, os Maquiritare, os doentes que conseguiam caminhar, as crianças.

Sadão estava na primeira fila. Me olhava com aqueles olhos que eram velhos dentro de um rosto de doze anos, com aquela qualidade de presença que eu não saberia descrever para ninguém que não o houvesse visto.

Me ajoelhei diante dele — não sei por que fiz isso, não foi decisão consciente, o corpo simplesmente foi. Olhei para ele no mesmo nível.

— Você vai ficar bem? — perguntei.

Ele considerou a pergunta com seriedade.

— Fiquei bem antes — disse ele.

Levantei-me. Peguei a caixa impermeável. Entrei no barco de Eládio.

Quando o barco se afastou da margem e a ilha começou a diminuir atrás de nós, olhei para trás uma vez. A cruz invertida ainda estava fincada no tronco do centro. A comunidade estava na beira da água, ficando menor à medida que o rio se abria entre nós. Sadão estava parado no mesmo lugar, olhando para o barco, com o Evangelho de João de Thomas na mão.

O rio curvou.

A ilha desapareceu.

Eládio pilotou em silêncio, como sempre, com uma mão na alavanca e os olhos no canal, lendo a superfície da água com aquele conhecimento que não vem de carta náutica.

Depois de uma hora de viagem, sem olhar para mim, ele disse:

— Encontrou o que procurava?

Pensei por um momento.

— Não — disse.

Ele assentiu levemente, como quem confirma algo que já sabia.

— Quase ninguém encontra — disse. — Mas quase ninguém volta igual. Isso também é alguma coisa.

Não respondi.

O rio continuou.

EPÍLOGO

A sala, de novo

A sala de reuniões estava quieta.

Não o silêncio de quem está esperando — o silêncio de quem acabou de ouvir algo e ainda não sabe onde guardar. O Pastor Elizeu tinha as mãos sobre a pasta fechada. O Irmão Marcos olhava para a caixa impermeável no centro da mesa como se ela pudesse abrir sozinha e explicar o resto. A Irmã Conceição tinha a caneta parada sobre o bloco de notas, e eu não sabia se havia parado de anotar porque não havia mais o que anotar ou porque havia chegado a um ponto onde anotar parecia insuficiente.

O ar-condicionado trabalhou.

— E os convertidos? — disse o Irmão Marcos, eventualmente. A voz tinha aquele tom administrativo que é o único tom que algumas pessoas conhecem para situações que excedem a administração. — A comunidade permanece ativa? Há estrutura de liderança? Doutrina? Alguém pode assumir.

— Há uma comunidade — disse eu. — Não sei o que são. Não sei se são cristãos batistas, hereges, sobreviventes ou outra coisa que não tem nome ainda. Sei que quando saí eles ainda estavam lá.

— E o menino? — perguntou o Pastor Elizeu.

Olhei para ele.

— Sadão vai ficar — disse. — Não perguntei. Sei.

Silêncio.

O Pastor retirou os óculos, limpou com o pano que sempre carregava no bolso, recolocou. Havia nesse gesto a tentativa de reorganizar o pensamento junto com a visão. — O que você nos trouxe é... é um relato sério. Levamos a sério. Mas precisamos entender o que fazemos a partir daqui. Há questões doutrinárias, há questões institucionais, há a questão do patrimônio da missão, há...

— Nos cadernos — interrompi, com calma — estão os nomes de quarenta e três pessoas que morreram naquela ilha nos últimos dois anos. Garimpeiros, indígenas, crianças. Thomas anotou cada um. Data, nome quando tinha nome, circunstância. — Pausa. — Se

a sede quiser começar por algum lugar, sugiro começar por esses quarenta e três nomes. O patrimônio da missão pode esperar.

O Irmão Marcos piscou.

O Pastor Elizeu olhou para a mesa.

A Irmã Conceição anotou.

— E o Irmão Thomas — disse o Pastor, com a voz de quem está cumprindo uma obrigação que preferia não cumprir — deve responder perante a...

Levantei.

Peguei o casaco do encosto da cadeira. Coloquei devagar, sem pressa, como quem termina algo que já terminou.

— O Irmão Thomas — disse, já de costas, caminhando para a porta — está respondendo. Só não está respondendo para nós.

Abri a porta.

O corredor da sede batista estava vazio e iluminado por aquela luz de néon branca que não cansa, mas também não aquece, o tipo de luz que existe para que as coisas sejam vistas sem que nada precise ser sentido.

Caminhei até o final do corredor.

Saí.

A caixa impermeável ficou na mesa.

Os cadernos de Thomas — dezenas deles, com os nomes dos mortos, os mapas da ilha, as cartas não enviadas, as frases em Maquiritare, os diagramas cosmológicos, o Evangelho de João copiado à mão em trechos que ele havia sublinhado e sublinhado até que o papel ficou fino — os cadernos ficaram na mesa, fechados, com a umidade do rio Ventuari ainda nas capas, úmidos de um lugar que ninguém naquela sala havia visitado.

O alfinete azul ficou no mapa.

Levemente torto. Marcando Itivini com a confiança de quem não sabe o que está marcando.

A Irmã Conceição olhou para o bloco de notas. Tinha três páginas cobertas de anotações — datas, nomes, citações, perguntas sem resposta que ela havia anotado assim mesmo, sem resposta, porque era o que havia.

Olhou para o Pastor Elizeu.

Ele olhou para o mapa.

O ar-condicionado trabalhou.

Ninguém tocou no café que havia esfriado horas antes.

Na última página do bloco, a Irmã Conceição havia escrito, sem que ninguém houvesse dito, como observação própria — o único comentário pessoal em três páginas de transcrição:

“Onde o rio nasce”.

Olhou para a frase por um momento.

Não a apagou.

FIM

Mesmo por fim, digo:

"Não sei onde o Irmão Thomas está”.

“Sei onde ele não está: em nenhum lugar que eu possa chegar de avião”.

Sou o: Irmão Johnson, depoimento oral, Boa Vista, Roraima